



**BB ASSET
MANAGEMENT**

**Busque mais para
os seus investimentos**

BBGO11



Relatório Gerencial
BB Fundo de Investimento de Crédito FIAGRO Imobiliário

Abril - 2026

INFORMAÇÕES GERAIS

O BB FIAGRO é um fundo de investimento que investe em ativos como CRA, LCA, CRI e Debêntures, desde que todos estejam vinculados ao Agronegócio. Os rendimentos do fundo são isentos de imposto de renda.

O fundo tem como objetivo superar o CDI através do investimento em uma carteira de crédito privado de alta qualidade, contando com a expertise do Banco do Brasil no setor de agronegócios. A isenção de imposto de renda torna o produto ainda mais atraente em uma indústria que representa cerca de um terço de todas as exportações do Brasil.

Ticker	Patrimônio Líquido	Nº de Cotistas	Quantidade de Cotas
BBGO11	R\$377.360.452,70	11.813	4.005.164
CNPJ	Data de Início	Taxa de Administração	Taxa de Performance
42.592.257/0001-20	17/dez/21	0,85% a.a.	10% sobre excesso CDI+1% a.a.
Administrador e Gestor	Consultor	Custodiante	Auditor
BB Asset Management	Banco do Brasil SA	Banco do Brasil	KPMG

Resultados – Abril/2026

Distribuição por cota	Dividend Yield	Nº de Negócios	Volume Negociado
R\$0,85	1,13%	7.059	R\$6.916.989,96
Receitas	Despesas		
R\$3.141.715,52	-R\$ 436.352,02		

* % a Distribuir = Resultado a Distribuir deduzido do Caixa

Comentário do Gestor

Mercado

O mês de abril de 2026 foi marcado por forte desempenho do agronegócio brasileiro, consolidando a relevância estrutural do setor na balança comercial. As exportações atingiram US\$ 16,65 bilhões, novo recorde histórico para o mês, com crescimento de 11,7% em relação a abril de 2025 e participação de 48,8% nas exportações totais do país, refletindo a manutenção de demanda internacional resiliente, com destaque para a China como principal parceiro comercial. Esse desempenho foi impulsionado principalmente pelo complexo soja, que respondeu por US\$ 6,9 bilhões em embarques, além do bom desempenho de proteínas animais e algodão, em um contexto de safra robusta no ciclo 2025/2026 e ampliação do acesso a novos mercados internacionais, reforçando o posicionamento do Brasil como fornecedor global estratégico de alimentos.

Por outro lado, o período também evidenciou desafios relevantes para o setor. Apesar do crescimento dos volumes exportados, o ambiente de preços internacionais permanece pressionado diante da elevada oferta global, especialmente no complexo soja, o que limita a captura de valor ao longo da cadeia. Adicionalmente, o produtor rural segue enfrentando custos elevados de insumos e logística, maior seletividade na concessão de crédito e aumento das exigências regulatórias e socioambientais, fatores que impactam diretamente o acesso a financiamento e a rentabilidade das operações. No campo, questões climáticas e incertezas quanto ao desempenho de culturas como o milho reforçam a volatilidade do cenário produtivo, enquanto mudanças no mix de produção, como a maior destinação de cana para etanol, refletem um ambiente de alocação mais dinâmica de recursos. Assim, abril reforçou um setor resiliente e competitivo no comércio internacional, porém inserido em um contexto mais desafiador do ponto de vista de margens, gestão de risco e disciplina financeira.

Rendimentos

No atual contexto de um mercado de crédito mais desafiador e seletivo, o BB FIAGRO mantém uma postura prudente na gestão da carteira, acompanhando de forma próxima alguns emissores específicos, especialmente diante de possíveis desenquadramentos de covenants. Com foco na preservação da qualidade do portfólio e na previsibilidade dos fluxos de caixa, optamos por manter a distribuição de rendimentos em R\$ 0,85 por cota. Em abril de 2026, a cota patrimonial apresentou rentabilidade de 0,92%, enquanto o dividend yield atingiu 1,13% no mês, equivalente a 103,18% do CDI sobre o valor de mercado, mantendo um nível atrativo de retorno, com isenção de Imposto de Renda para pessoa física.

Seguimos confiantes na solidez do Fundo, que conta com uma carteira diversificada e majoritariamente composta por emissores de alta qualidade de crédito, o que contribui para diluir riscos pontuais. Embora o cenário atual ainda exija atenção e acompanhamento próximo de determinados ativos, entendemos que a atuação ativa da gestão e a qualidade do portfólio posicionam o Fundo de forma adequada. Além disso, a perspectiva de melhora gradual das condições de crédito, aliada a um ambiente de juros potencialmente mais favorável ao longo do tempo, cria um cenário construtivo para retomada de valor e geração consistente de resultados para os cotistas no médio prazo.

Carteira

A carteira de CRAs permanece bem diversificada: 49,91% do patrimônio líquido está alocado em emissões indexadas ao CDI, que apresentam yield médio de CDI + 3,57% a.a. e duration de 642 dias úteis. A exposição indexada ao IPCA, que corresponde a 23,56% do portfólio, possui yield médio de IPCA + 10,39% a.a. e duration de 442 dias úteis. Já a parcela prefixada, representando 3,35% do PL, entrega yield de 15,09% a.a. e conta com duration média de 1.123 dias úteis. Além disso, o fundo mantém 2,78% do patrimônio líquido investido em FIDCs FIAGRO, os quais apresentam yield de CDI + 2,86% a.a.

Adquirimos o CRA026001UT da Minerva no valor aproximado de R\$3 milhões (0,79% do PL) na taxa de CDI + 1,65% a.a.

Encerramos o mês com uma liquidez de 20,78% do PL, o que nos dá flexibilidade para buscar novas oportunidades de alocação nos mercados primário e secundário, com foco na diversificação entre os principais setores do agronegócio.

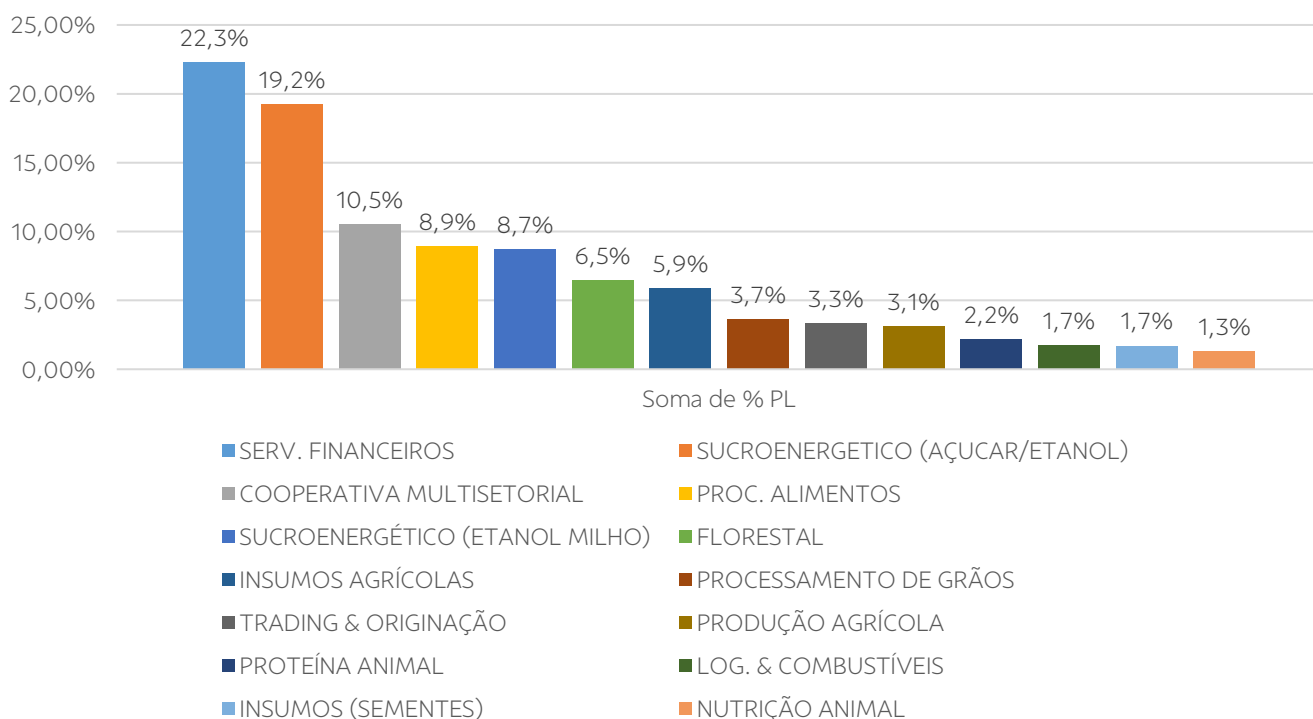
O valor da cota encerrou o mês de dezembro sendo negociado com um desconto aproximado de 24% em relação à cota patrimonial. Consideramos esse cenário uma oportunidade atrativa, dado que a carteira conta com mais de 38 emissores, yield média superior a CDI + 3% ao ano e duração média próxima de 2,3 anos — características que reforçam o potencial do fundo como uma alternativa eficiente de diversificação, que contribui para o desenvolvimento da cadeia agroindustrial brasileira e conecta o investidor às oportunidades do campo com segurança e solidez.

Composição da Carteira

Considerando as taxas de remuneração dos ativos na carteira do BBGO11, os CRAs e FIDCs são atrelados ao IPCA, CDI e Prefixado. Dessa forma, a remuneração considerando as taxas médias de aquisição e taxas de mercado se dividem conforme gráfico abaixo:

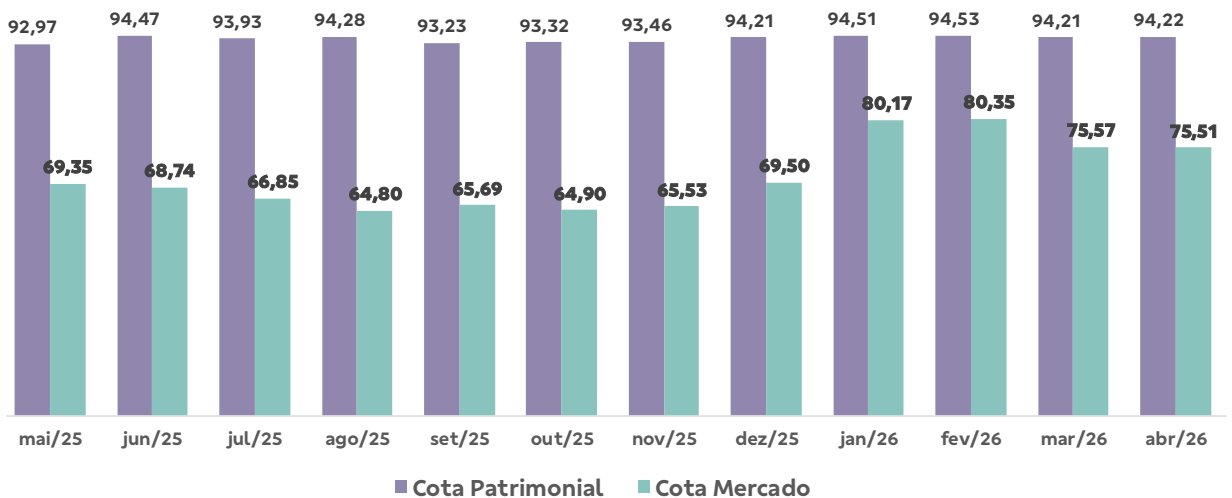
Ativos	% PL	Taxa Média Compra	Taxa Média a Mercado
CDI	52,31%	2,07%	3,57%
IPCA	23,56%	6,80%	10,39%
OPCOM	20,78%	100% CDI (-) IR	100% CDI (-) IR
PRE	3,35%	13,75%	15,09%

Exposição Setorial



Evolução da cota patrimonial x cota de mercado

No mês de abril, a carteira do BBGO11 observou 76,82% em Certificados de Recebíveis Agrícolas (CRA) e, neste sentido, um aumento da liquidez para 20,78% da carteira em liquidez (operações compromissadas e caixa). Os ativos atrelados ao IPCA somavam 23,56% dos CRAs, ao CDI 49,91% e prefixados 3,35%.



Demonstrativo de Resultado

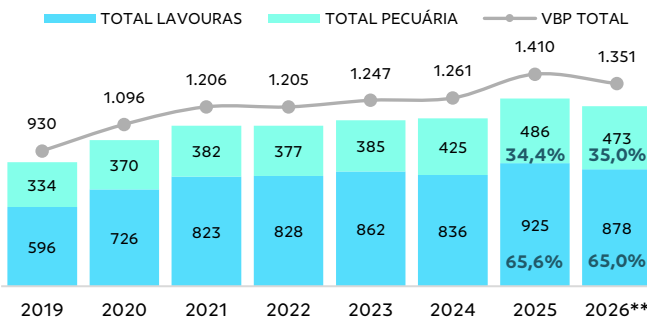
DRE (R\$ Milhões)	nov2025	dez2025	jan2026	fev2026	mar2026	abr2026
Receitas	4,22	6,04	5,40	3,64	2,16	3,58
Rendimento CRA	3,23	3,64	3,57	2,99	4,15	3,74
MTM CRA	0,41	-0,15	0,94	-0,58	-3,64	-1,04
Outras Receitas	0,59	2,55	0,89	1,23	1,69	0,89
Despesas	-0,36	-0,40	-0,42	-0,34	-0,45	-0,44
Taxa de Administração	-0,03	-0,03	-0,03	0,00	-0,03	-0,03
Outras Despesas	-0,33	-0,37	-0,39	-0,35	-0,42	-0,41
Resultado Líquido	3,87	5,64	4,97	3,30	1,71	3,14
Distribuição	3,60	3,84	3,84	3,40	3,40	3,40
Resultado por cota (R\$)	0,97	1,41	1,24	0,82	0,43	0,78
Distribuição por cota (R\$)	0,90	0,96	0,96	0,85	0,85	0,85

Comentário do Consultor de Análise de Crédito

Valor Bruto da Produção

Com base nos dados divulgados pelo Ministério da Agricultura e Pecuária em fevereiro de 2026, o Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP) projetado para 2026 é de R\$ 1,351 trilhão, sinalizando queda de 4,2% frente ao ano de 2025, cujo faturamento foi de R\$ 1,410 trilhão. As estatísticas foram calculadas pela Secretaria de Política Agrícola do Ministério, com valores deflacionados pelo IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas (FGV) de fevereiro de 2026.

VBP da Lavoura e Pecuária*



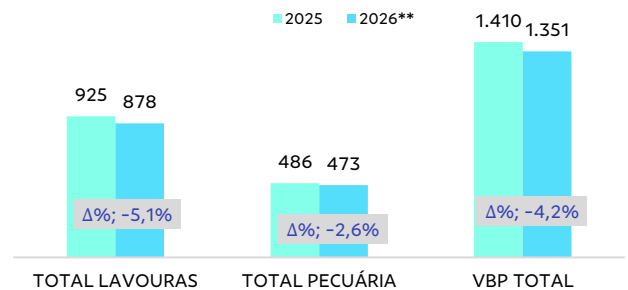
* Estimativas com valores reais deflacionados pelo IGP-DI de fevereiro de 2026

** Projeção

Fonte Preços: Cepea/Esalq/USP, CONAB e FGV/FGVDados

Fonte: Min. Agricultura/Elab.: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

VBP Agropecuária*



* Estimativas com valores reais deflacionados pelo IGP-DI de fevereiro de 2026

** Projeção

Fonte Preços: Cepea/Esalq/USP, CONAB e FGV/FGVDados

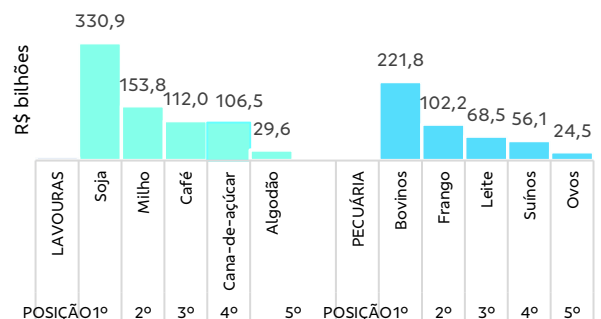
Fonte: Min. Agricultura/Elab.: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Após crescer 10,6% em 2025, resultado da combinação entre aumento da produção física e valorização de preços em algumas atividades da agricultura, as projeções iniciais para 2026 mostram perda de faturamento de 5,1% nas lavouras, puxada por relevantes culturas agrícolas como milho, cana-de-açúcar, laranja, arroz e algodão, cujos levantamentos de safra apontam para queda na produção em decorrência de menor produtividade, além das cotações atuais em patamares depreciados.

Na pecuária, passado a forte expansão de 14,3% do VBP em 2025, influenciado por altos volumes de abate de bovinos, valorização de preços e bom desempenho nas cadeias de aves e suínos, o faturamento deve cair 2,6% em 2026.

O principal destaque na pecuária segue na cadeia de bovino. No caso da pecuária bovina de corte, apesar da esperada reversão do ciclo e queda nos abates, preços valorizados ainda devem dar suporte ao bom faturamento neste ano, com previsão de aumento de 5,6% no VBP. Em contraste, as cadeias de suínos e aves devem apresentar retração no VBP. Isso ocorre porque os recordes de produção ampliaram significativamente a oferta interna, pressionando os preços para baixo e reduzindo a renda bruta dessas atividades.

VBP nas principais atividades
Fevereiro de 2026



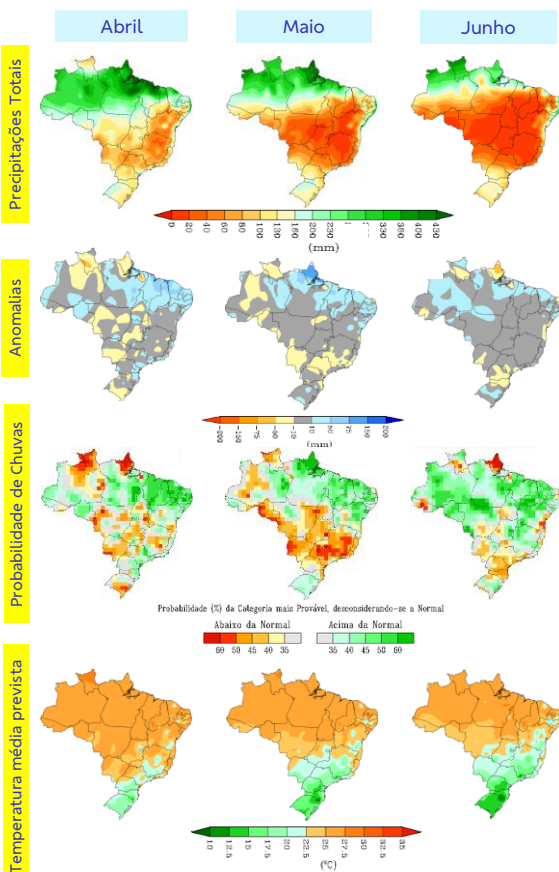
Fonte: Ministério da Agricultura e Pecuária - Estimativa: Fevereiro/2026
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

PIB Agropecuário

O PIB do setor encerrou 2025 com expansão de 11,7%, impulsionado principalmente pela produção recorde de grãos no ciclo 2024/25. Esse desempenho ocorreu após as perdas significativas registradas na safra 2023/24, quando condições climáticas adversas comprometeram a produtividade.

Para 2026, projeta-se novo crescimento, embora em forte desaceleração, diante do esperado recuo na produção de algumas culturas como algodão, arroz, milho, cana-de-açúcar e trigo.

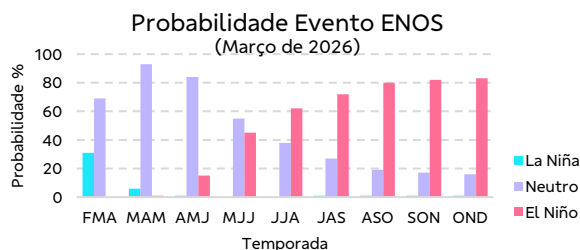
Clima



Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia (INMET)

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

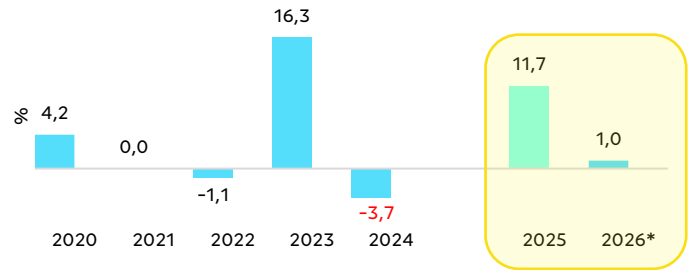
Observações: “Precipitações totais” indicam a quantidade de chuvas esperadas em milímetros. “Anomalias” aponta grandes desvios em milímetros comparativamente à média histórica. “Probabilidade de Chuvas” acima ou abaixo do normal.



Fonte: National Oceanic and Atmospheric Administration - NOAA

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

PIB Agropecuário



*Projeção

Fonte: IBGE e BB Assessoramento Econômico (cenário de 02/04/2026)

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Conforme projeções do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET), a partir de abril passa a predominar nas regiões de produção agropecuária condições com menores níveis de precipitações, inclusive com alguns pontos abaixo do normal, especialmente nas regiões Centro-Oeste e Sudeste, enquanto ainda se espera chuvas mais volumosas nas partes extremas da Região Norte do país.

No mais, nos próximos meses, as temperaturas devem predominar em torno de 22,5°C e 25°C no Norte, enquanto o Sudeste, Sul e alguns estados do Centro-Oeste começam a experimentar temperaturas mais baixas.

Nesse quadro, o fim dos trabalhos das primeiras safras de grãos e o avanço das segundas safras de soja e milho seguem, de maneira geral, relativamente preservados, ainda que irregularidades tenham sido observadas em algumas regiões. No mais, atenção à redução de chuvas e mudanças de temperatura nas regiões produtoras de café nos próximos meses, inclusive diante da habitual maior sensibilidade da cultura.

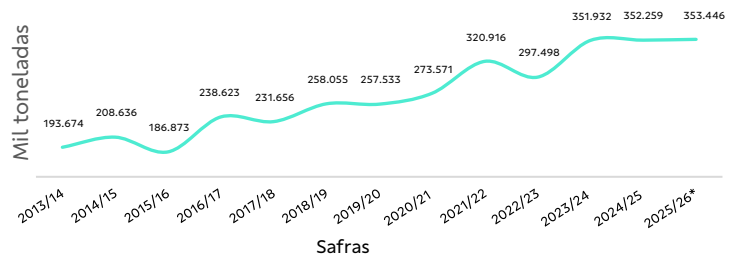
Com o enfraquecimento do La Niña, espera-se apenas um breve período de neutralidade climática. As projeções indicam alta probabilidade de formação do El Niño: 62% entre junho e agosto de 2026, 80% entre agosto e outubro e 83% no final do ano. Segundo a Administração Nacional Oceânica e Atmosférica dos EUA (NOAA). Embora os modelos ainda diverjam sobre a intensidade, tanto a NOAA quanto o Centro Europeu de Previsões Meteorológicas de Médio Prazo (ECMWF) apontam chance elevada de um El Niño forte — podendo até atingir intensidade “super forte”, segundo o ECMWF. Assim, a intensidade do fenômeno permanece incerta.

Se confirmado o fenômeno, reflexos no País, de modo geral, são de redução de chuvas no Norte e Nordeste, com atenção para prolongamento da seca, ao passo que excessos de chuvas na região Sul devem ser observados. Assim, a sinalização de (possível) novo El Niño em 2026 adiciona preocupação para o ciclo agrícola 2026/27.

Destaques – Produção de Grãos

Para a safra 2025/26, o sexto levantamento da Conab indica uma produção total de 353,4 milhões de toneladas, volume 0,3% ou 1,2 milhão de toneladas superior ao obtido em 2024/25. Ainda segundo a Conab, a área a ser semeada deverá crescer 1,7% em relação ao ciclo anterior, sendo estimada em 83,2 milhões de hectares. Esse incremento representará a incorporação de 1,4 milhões de hectares ao cultivo no conjunto das três safras do ciclo 2025/26.

Produção Brasileira de Grãos



* Projeção.

Fonte: Conab – 6º Levantamento da Safra de Grãos 2025/26 – Março/2026

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

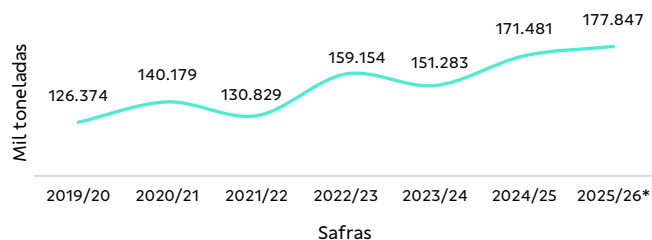
A safra brasileira de grãos compreende culturas como algodão, arroz, aveia, cevada, canola, feijão, milho, soja e trigo, cujos cultivos são organizados em três ciclos distintos ao longo do ano. A primeira safra tem sua semeadura concentrada entre o final de agosto e dezembro e tem como principais culturas a soja, o milho 1ª safra, o arroz, o feijão e o algodão. Já a segunda safra, tradicionalmente chamada de safrinha, ocorre entre janeiro e meados de abril, tendo como principais culturas o milho 2ª safra, feijão e algodão. Por fim, a terceira safra e as culturas de inverno têm seus cultivos iniciados entre abril e junho. A segunda safra — assim como parte das culturas de inverno e da terceira safra — é implantada logo após a colheita da primeira, aproveitando-se os resíduos culturais e as condições deixadas pelo ciclo anterior para otimizar o uso da terra e dos recursos produtivos. Nesse contexto, destaca-se a importância do manejo adequado e da definição correta da janela de plantio da primeira safra, fator determinante para o bom desempenho das safras subsequentes.

Soja

Com aproximadamente 74% da safra 2025/26 já colhida no final de março de 2026, a produção estimada do ciclo deve atingir 177,8 milhões de toneladas, 3,7% superior à registrada no ciclo 2024/25, o que representaria novo recorde de produção.

A área plantada de soja cresceu 2,3% no ciclo, impulsionada pela demanda externa e pelo consumo interno aquecido. A expansão, porém, foi limitada por restrições de crédito, maior atratividade da pecuária de corte e episódios de estiagem.

Produção Brasileira de Soja



* Projeção.

Fonte: Conab – 6º Levantamento da Safra de Grãos 2025/26-Mar/2026

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Desempenho no campo

Soja	2024/25	2025/26*
Produção (mil ton.)	13,3%	3,7%
Produtividade (kg/ha)	10,3%	1,4%
Área (ha)	2,7%	2,3%

*Projeção

Fonte: Conab – 6º Levantamento de Safra de Grãos 2025/26 -Mar/2026

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Na indústria, a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove) projeta crescimento da demanda e prevê o esmagamento de 61,5 milhões de toneladas de soja em 2026, incremento de 4,5% frente às 58,7 milhões de toneladas estimadas para 2025. O farelo de soja, principal derivado do processamento, deve registrar alta de 5,7% na produção em 2026, após expandir 5,1% em 2025, impulsionado sobretudo pelo aumento das exportações destinadas à formulação de ração animal. A produção de óleo de soja, por sua vez, encerrou 2025 com avanço de 5,2% e projeta-se crescer 3,5% em 2026. O desempenho é sustentado principalmente pelo fortalecimento do consumo interno, especialmente pela indústria alimentícia, com destaque para a fabricação de óleo de cozinha.

Preços e Custos – Os custos de produção seguem elevados, pressionados principalmente pelo aumento nos preços de fertilizantes, defensivos, diesel e fretes, o que tem reduzido as margens dos produtores. A limitação de valorização das commodities agrava esse quadro, já que os preços não acompanharam a alta dos insumos. O encarecimento dos fertilizantes decorre sobretudo da oferta restrita diante da demanda global aquecida, intensificada pelo conflito no Oriente Médio, que elevou a volatilidade dos fertilizantes e afetou a logística internacional, somado às restrições impostas por Rússia e China à exportação desses insumos. As compras para o próximo ciclo já indicavam custos mais altos, agravados em março por conta dos desdobramentos do conflito.

Além disso, o custo do capital segue elevado, refletindo a manutenção da taxa Selic em patamar contracionista, o que encarece o financiamento da produção e as demais necessidades de capital de giro do produtor.

Em relação à cotação da commodity, após a forte retração observada entre 2022 e o início de 2024, os preços passaram a apresentar recuperação gradual, ainda marcada por oscilações típicas do mercado e insuficiente para compensar a alta dos custos de produção. A partir de janeiro de 2026 até fevereiro, com a chegada da colheita brasileira e as revisões de alta na produção global aumentando a percepção de oferta abundante, as cotações recuaram. Mais recentemente, em março, apesar de mostrar leve recuperação, os preços ainda se encontram em patamar abaixo de R\$ 130,00 por saca.

Vale destacar que a política protecionista dos Estados Unidos contra a China alterou o ritmo das compras de soja brasileira em 2025, elevando momentaneamente a demanda e pressionando os prêmios nos portos, ainda que o contexto tenha fragilizado o preço de referência internacional.

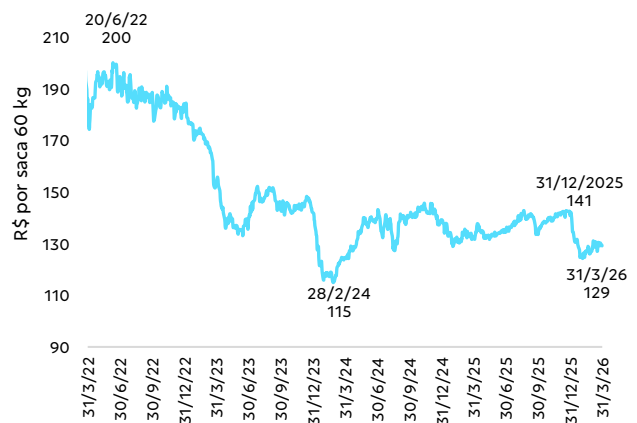
Contudo, no final de 2025, assinatura de um novo acordo entre EUA e China — prevendo compras de 12 milhões de toneladas naquele ano e 25 milhões anuais pelos três anos seguintes — passou a reorientar parte da demanda chinesa de volta mercado americano, reduzindo os prêmios pagos pela soja brasileira.

No curto prazo, mesmo com estoques relativamente confortáveis, não há sinais de espaço para valorizações mais consistentes. Ainda assim, a forte demanda por biodiesel, a persistência das incertezas associadas à guerra tarifária e o recente agravamento das tensões geopolíticas no Oriente Médio – que têm favorecido as cotações do petróleo e despertado atratividade ainda maior para fontes alternativas como os biocombustíveis – podem introduzir novas forças altistas aos preços. No mais, a pressão sobre fertilizantes, notadamente ureia, por conta do conflito no Oriente Médio, pode influenciar na intenção de plantio nos EUA para mais direcionada à soja, haja vista o uso mais intensivo da ureia na cultura do milho, podendo aumentar a oferta de soja à frente e desfavorecer a cotação. Já na indústria, a falta de expectativa de alta mais forte nos preços futuros da soja sinaliza expectativas de ausência de pressão dos custos das empresas da cadeia produtiva.

Mercado Externo – O Brasil mantém a liderança das remessas globais de soja em grãos, com a China sendo o principal destino, que respondeu por 78,9% das exportações do país em 2025. A produção brasileira recorde no ciclo 2024/25, a demanda externa aquecida e a guerra comercial entre EUA e China foram fatores que beneficiaram as vendas externas no ano passado, cujo incremento, segundo a Abiove, foi de 9,5%. Com a expectativa de continuidade na demanda global e de nova expansão na produção brasileira no ciclo 2025/26, projeta-se a continuidade do crescimento das vendas externas do Brasil em 2026, estimado em 3,1%, conforme a última projeção da Abiove, embora o prolongamento do conflito no Oriente Médio possa representar fator restritivo via encarecimento de fretes e na logística global.

Para a indústria de farelo de soja, projeções da Abiove indicam expansão de 5,7% em 2026, após crescer 0,6% em 2025, ainda que o consumo doméstico siga aquecido pela crescente demanda da indústria de ração animal. Simultaneamente, a maior absorção de soja pela indústria de óleo, voltada ao mercado alimentício e ao biodiesel, reforça a competição interna por matéria-prima e limita o espaço para avanço das exportações.

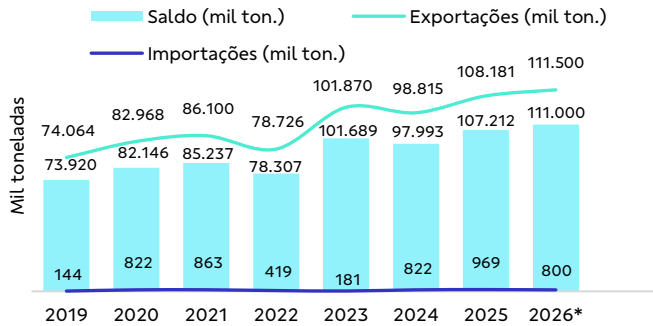
Indicador Soja Esalq/B3 - Paranaguá



Fonte: Cepea/Esalq/USP

Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Balança Comercial – Soja em Grãos Acumulado/Ano

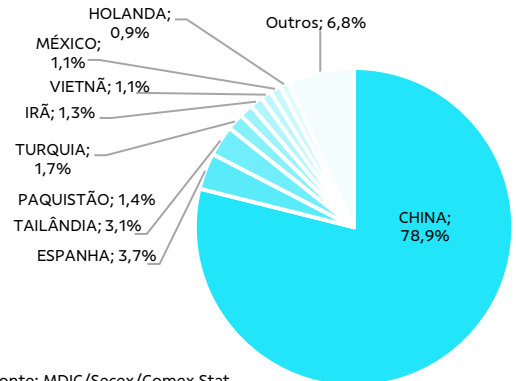


*2026 = Projeção Abiove

Fonte: Abiove, Secex e Agrostat

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Exportações por Destino Complexo da Soja – Acumulado em 2025



Fonte: MDIC/Secex/Comex Stat

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Milho

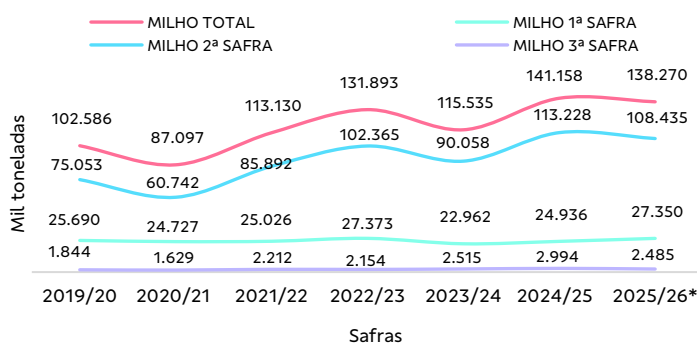
Após o desempenho recorde da safra 2024/25, impulsionado por ganhos de produtividade e expansão da área plantada, o ciclo 2025/26 avança com a colheita da primeira safra em curso tendo atingido 45,7% no final de março passado e com estimativas de redução de 2,0% na produção do conjunto das três safras, segundo a Conab, embora ainda represente o segundo maior volume registrado no país.

Na 1ª safra, cujo plantio ocorre de setembro a novembro e a colheita entre janeiro e abril, as estimativas apontam para reversão da tendência de retração de área plantada observada nos últimos anos, ampliando em 7,6%, e com produção crescendo 9,7%. Esse movimento de expansão no plantio ocorre por meio da migração de cultivo de arroz e feijão, sendo esperado aumento de 1,9% na produtividade.

Para a 2ª safra, “safrinha”, mais expressiva e atualmente com 95,5% do plantio concluído, as estimativas apontam para condição semelhante em termos de maior área plantada (1,9%) e menor rendimento (-6,0%), que, nesse caso, deve levar a produção a uma redução de 4,2% em relação à safra correspondente do ciclo 2024/25. O avanço da semeadura esteve diretamente ligado às precipitações que ocorreram em fevereiro passado e influenciaram a velocidade da colheita da soja.

Já a 3ª safra do período 2025/26, com um montante de produção mais residual, inicia-se no 2º semestre, sendo semeada em áreas próximas ao litoral nordestino e norte do Brasil. A expectativa de produção ainda é muito preliminar, mas aponta para forte retração de 17,0% após o crescimento recorde estimado em 19,0% no ciclo já finalizado.

Produção Brasileira de Milho



*Projeção.

Fonte: Conab – 6º Levantamento da Safra de Grãos 2025/26 – Março/2026

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Desempenho no campo

Milho 3 Safras	2024/25	2025/26*
Produção total (mil ton.)	22,1%	-2,0%
Produtividade (kg/ha)	16,5%	-4,5%
Área (ha)	3,8%	2,6%

*Projeção.

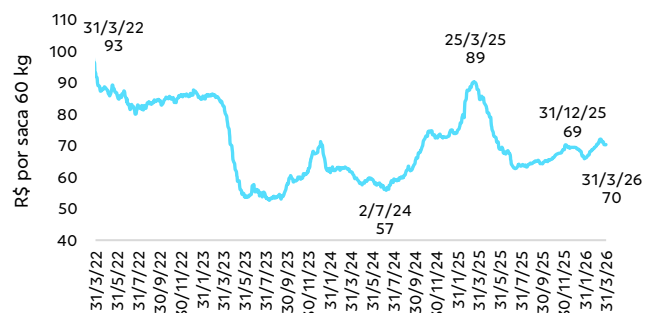
Fonte: Conab – 6º Levantamento de Safra de Grãos 2025/26 – Março/2026

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

O expressivo avanço da produção no ciclo passado, aliado à crescente demanda por derivados do milho — como farelo e óleo utilizados tanto na alimentação quanto na fabricação de biocombustível — impulsionou de forma robusta a indústria de processamento ao longo de 2025. Nesse contexto, o Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal (Sindirações) projeta para 2026 um crescimento de 3,2% na produção de rações, totalizando 97 milhões de toneladas, o que reforça a expectativa de maior demanda por farelo de milho. Paralelamente, o setor de óleos vegetais segue ampliando sua participação nos mercados alimentício e energético. Segundo o RaboResearch, a produção brasileira de etanol de milho na safra 2025/26 deve avançar 16%, alcançando 9,5 bilhões de litros. Até 2028, a capacidade instalada para etanol de milho e outros cereais — como sorgo e trigo — deve chegar a 16 bilhões de litros, superando 20 bilhões de litros anuais no início da década de 2030. Esse processo consolida a importância crescente do milho na matriz de energia renovável e fortalece o papel do Brasil como um dos principais protagonistas no mercado global de bioenergia.

Preços e Custos – A partir de agosto de 2025, os preços inverteram a trajetória baixista e passaram a se recuperar parcialmente, após terem sido pressionados pelo avanço das safras do Brasil e da Argentina e pela ampliação da área plantada nos EUA. A correção subsequente decorreu do fortalecimento das exportações e da expansão do consumo interno, especialmente pela indústria de rações e pelo crescente uso de milho para etanol, potencializado inclusive nos últimos dias pelo aumento do preço do petróleo. Esses fatores devem seguir apoiando as cotações, embora o elevado volume de estoques – cerca de 12,6 milhões de toneladas no início da temporada, ante 1,8 milhão no ano anterior – e as boas expectativas de produção no Brasil e nos EUA limitem o potencial de valorização.

Indicador Milho Esalq/B3 – Paranaguá



Fonte: Cepea/Esalq/USP

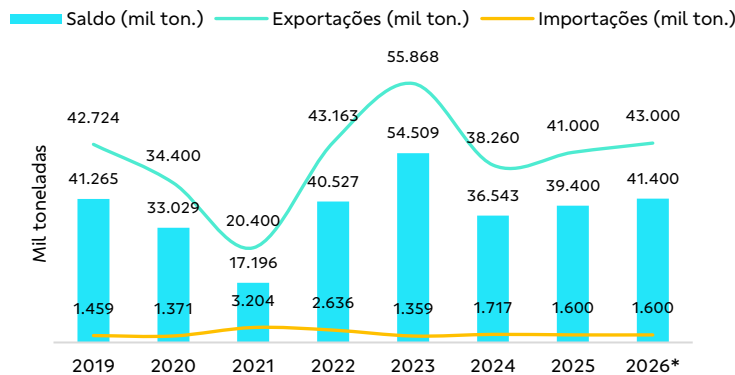
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Em que pese a manutenção dos fundamentos que apoiaram as cotações do milho, os elevados estoques e a pressão da nova safra influenciaram na queda mais acentuada observada em janeiro de 2026. Já em fevereiro e até março passado, o milho manteve trajetória de correção sustentada pela oferta mais restrita no mercado interno no período, resultado da menor disposição para negociações por parte dos ofertantes e do foco na colheita da safra de verão. A elevação também reflete o avanço das exportações, que operam em ritmo superior ao do ano anterior, e o impacto do conflito no Oriente Médio, que trouxe valorização na cotação do petróleo e despertou atratividade para fontes alternativas como o etanol. No mais, a pressão sobre fertilizantes, notadamente ureia, por conta do conflito no Oriente Médio, pode influenciar na intenção de plantio nos EUA para mais direcionada à soja, haja vista o uso mais intensivo da ureia na cultura do milho, podendo reduzir a oferta de milho à frente e favorecer a cotação.

O preço do farelo de milho apresentou ajuste mais gradual, mesmo diante da expansão da demanda do setor de rações, impulsionada pelo crescimento contínuo da indústria de proteína animal. A formação das cotações segue condicionada às margens das indústrias de processamento e à competitividade do farelo frente a outros insumos energéticos e proteicos. Adicionalmente, a correlação estrutural entre os mercados de milho e soja, tanto pela complementaridade na oferta quanto pela substituição na formulação de dietas, exerce influência direta sobre o comportamento de preços. No mais, fatores macroeconômicos, como a taxa de câmbio, e variáveis logísticas, incluindo infraestrutura de transporte e capacidade de armazenagem, continuam determinando a eficiência operacional e a geração de receitas dos agentes produtivos.

Exportações – A maior oferta de milho brasileiro na safra 2024/25, combinada com o fortalecimento da demanda externa, sustentou o crescimento de 7,2% das exportações em 2025. Para 2026, projeta-se nova expansão, de 4,9%, apoiada tanto na produção interna quanto na competitividade do Brasil em um ambiente de maior disponibilidade global. Destaca-se, contudo, que pode haver redução no ritmo de novos embarques no curto prazo, haja vista que o Irã — responsável por 22,1% das exportações brasileiras de milho, em quantum, — encontra-se no centro das tensões no Oriente Médio, além do fato do conflito na região provocar pressões sobre custos logísticos como fretes e seguros.

Balança Comercial – Milho Acumulado/Ano

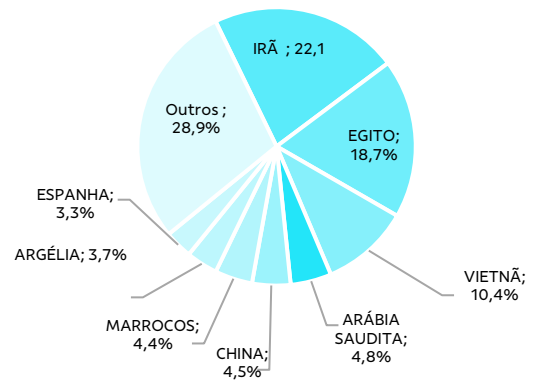


*2026 = Projeção USDA

Fonte: Secex e Agrostat

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Exportações por Destino Milho – Acumulado em 2025



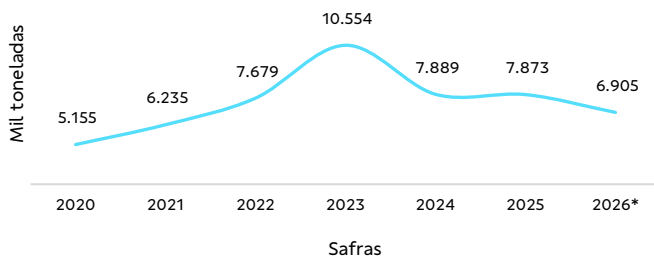
Fonte: MDIC/SECEX; Comex Stat

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Trigo

A safra de trigo 2025 foi concluída no final do ano passado, alcançando produção nacional de 7.873 milhões de toneladas, volume 0,2% inferior ao do ciclo anterior. Apesar do expressivo avanço de produtividade — aproximadamente 25% acima da safra passada — esse ganho não compensou a retração mais acentuada da área cultivada, sobretudo no Paraná, Rio Grande do Sul e Goiás, onde condições climáticas desfavoráveis e a menor atratividade econômica frente a outras culturas desestimularam a plantação do cereal nos últimos ciclos. Para a safra 2026, cujo plantio se inicia entre abril e julho, as projeções oficiais indicam nova redução de área diante da menor competitividade do trigo em relação a culturas alternativas, especialmente em um contexto de preços internacionais deprimidos e custo de produção elevado.

Produção de Trigo



(*) Projeção.

Fonte: Conab – 6º Levantamento da Safra de Grãos 2025/26 – Março/2026

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Desempenho no Campo

Trigo	2025	2026*
Produção (mil ton.)	-0,2%	-12,3%
Produtividade (kg/ha)	24,8%	-7,5%
Área (ha)	-20,0%	-5,2%

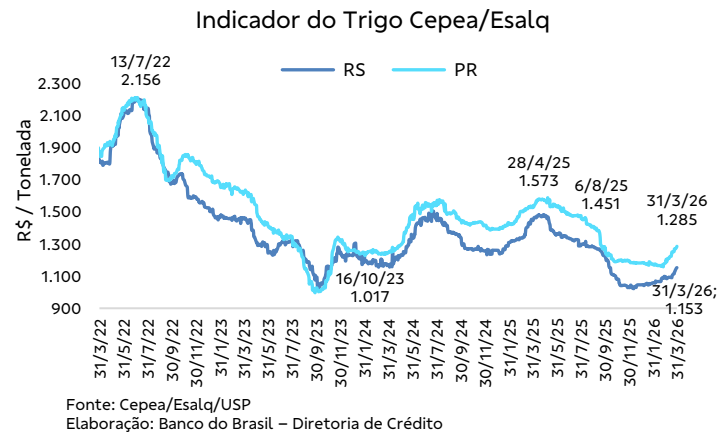
*Projeção

Fonte: Conab – 6º Levantamento de Safra de Grãos 2025/26 – Março/2026

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

O principal fator de sustentação da produção brasileira de trigo continua sendo a demanda das indústrias de moagem, cuja projeção para 2026 aponta crescimento moderado, próximo à estabilidade. Esse movimento reflete a maturidade do mercado de farinha no país, caracterizado por um padrão de consumo relativamente estável e por limites estruturais para expansões mais aceleradas no curto prazo. Ainda assim, as indústrias moageiras seguirão dependentes de volumes expressivos de trigo importado para atender à demanda interna. Nesse contexto, estimativas do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) apontam que a produção argentina, principal fornecedora do Brasil, deve atingir nível recorde, com avanço de 50,2% na safra atual, ampliando a disponibilidade para as compras externas brasileiras. O consumo de derivados de trigo, por sua vez, permanece sustentado por hábitos alimentares consolidados, pela resiliência do mercado de trabalho e pelo crescimento da renda real, fatores que seguem estimulando a produção, as vendas e o faturamento do setor.

Preços e Custos – Após a recuperação observada no final de 2024, as cotações do trigo voltaram a entrar em trajetória de baixa a partir de abril de 2025. Atualmente, observa-se movimento de alta, sendo que o preço do trigo em grão atingiu, em março, os mesmos patamares de outubro do ano passado nos estados do Sul do Brasil. Esse movimento representa certa correção frente à desvalorização observada antes, combinando período de entressafra, expectativas de menor oferta com redução de área plantada e produção no Brasil no próximo ciclo, além da demanda firme das moageiras e valorização do trigo no mercado internacional, especialmente diante de condições do clima na safra dos EUA.

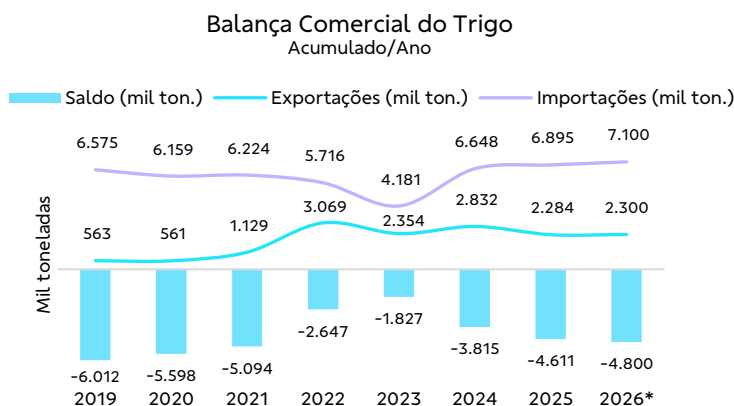


No mais, os custos de produção do trigo seguem pressionados pela restrição global de insumos, situação agravada pelo fechamento do Estreito de Ormuz devido ao conflito no Oriente Médio, que elevou os preços dos combustíveis, dos fretes e dos seguros marítimos, além de limitar a oferta de fertilizantes – haja vista a representatividade de países da região do conflito no fornecimento global –, além do aumento na cotação do gás natural utilizado na fabricação de fertilizantes nitrogenados.

Na indústria, a recente elevação das cotações do trigo, principal insumo, volta a ameaçar as margens operacionais, pressionando os resultados do setor. Além disso, o elevado custo de capital decorrente da Selic, que permanece em patamar contracionista, segue restringindo a capacidade de financiamento dos moinhos e intensificando a pressão sobre o fluxo de caixa dessas empresas.

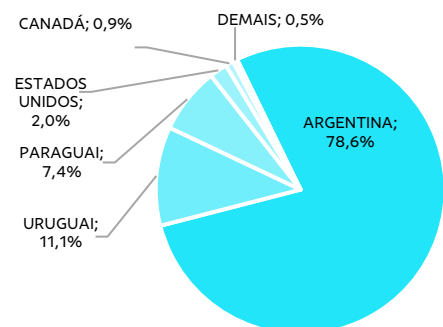
Mercado Externo – O Brasil segue dependente das importações para atender sua demanda interna de trigo, que em 2025 alcançou cerca de 56% do consumo nacional. Dados recentes mostram que a Argentina, principal fornecedor, respondeu por 78,6% do volume importado pelo Brasil no acumulado de janeiro a dezembro de 2025, em um total de 6,9 milhões de toneladas, incremento de aproximadamente 3,7% frente a 2024, impulsionado pela queda de 2,6% da produção doméstica no ciclo anterior.

Para 2026, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) projeta a manutenção desse padrão, com o país continuando a recorrer a importações elevadas para equilibrar o abastecimento interno



*2026 = Projeção USDA
Fonte: Secex e Agrostat
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Importações de Trigo por Origem
Acumulado - 2025



Fonte: MDIC/Secex; Comex Stat
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Cana-de-Açúcar- De acordo com o último levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), correspondente ao 3º Levantamento da Safra de Cana-de-Açúcar 2025/26, estima-se que o último ciclo, iniciado em abril de 2025 e atualmente faltando apenas etapas residuais para conclusão, deva gerar 666,4 milhões de toneladas.

O desenvolvimento inicial da safra 2025/26 foi prejudicado por temperaturas acima da média, estiagens prolongadas e focos de incêndio na segunda metade de 2024, especialmente na Região Centro-Sul, que responde por mais de 90% da produção de cana. Esses fatores reduziram o acúmulo de biomassa e limitaram o potencial produtivo, indicando queda mais intensa de Toneladas de Cana por Hectare (TCH) e Açúcares Totais Recuperáveis (ATR) no início do ciclo. A partir do final de 2024 e início de 2025, a volta gradual das chuvas e condições climáticas menos extremas permitiram recuperação parcial das lavouras, atenuando as perdas previstas. Assim, embora a produtividade deva permanecer abaixo de safras com menor estresse hídrico e térmico, o recuo projetado inicialmente foi suavizado pelo desempenho melhor do que o esperado nas fases finais do desenvolvimento.

Para a safra 2026/27, cuja moagem inicia-se no primeiro semestre de 2026, embora ainda não existam estatísticas oficiais, as expectativas de mercado apontam para crescimento na produção entre 3% e 4%, motivado por ganhos de produtividade a partir do rejuvenescimento dos canaviais (aumento das renovações nas safras de 2024/25 e 2025/26), chuvas mais regulares e leve expansão da área colhida.

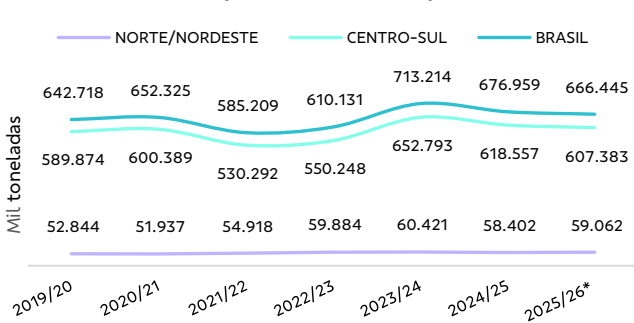
Desempenho do Setor

Cana-de-Açúcar	2024/25*	2025/26*
Produção (mil ton.)	-5,1%	-1,6%
Produtividade (kg/ha)	-9,8%	-3,8%
Área (mil ha.)	5,2%	2,4%

Produção de Derivados	2024/25*	2025/26*
Açúcar	-3,4%	2,0%
Etanol de Cana	-1,2%	-9,5%

* Fonte: Conab - 3º levantamento da safra de cana-de-açúcar. Novembro/2025
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito.

Produção de Cana-de-Açúcar



* Projeção
Fonte: Conab
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Produção de Açúcar

Apesar da menor oferta de cana em relação à temporada anterior, o maior direcionamento no mix de produção para o açúcar ao longo de 2025, em relação ao etanol, deve fazer com que a produção do adoçante na atual safra, que encontra-se em fase de encerramento, atinja cerca de 45 milhões de toneladas, superando em 2,0% o volume de 2024/25. Para o ciclo 2026/27, apesar da expectativa preliminar de maior produção de cana-de-açúcar e melhor produtividade em ATR, espera-se que com o nível atual mais depreciado nos preços do açúcar e a maior competitividade do etanol – haja vista a valorização recente do etanol, com o maior percentual na mistura da gasolina e os efeitos do conflito no Oriente Médio sobre o petróleo/gasolina – o mix tende a ficar menos açucareiro e com produção retraindo em torno de 5%.

Cotações do Açúcar – Passado o período de forte valorização em 2024, em contexto marcado por menor oferta em grandes produtores globais – inclusive sob efeitos de estiagem, temperaturas elevadas, incêndios e pragas no Brasil –, a reversão para um clima mais ameno predominando e melhorando a produção local em 2025, além da retomada da oferta global, levaram a forte depreciação nos preços. Em 2026, após dois meses de continuidade das quedas, os preços reagiram em março, impulsionados pelo conflito no Oriente Médio. A pressão sobre as cotações de petróleo e gasolina aumentou a competitividade do etanol, trazendo expectativas de risco de menor oferta açucareira à frente.

Indicador do Açúcar Cristal – Cepea/Esalq São Paulo



Fonte: Cepea/Esalq/USP
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Prospectivamente, parte do mercado avalia que a revisão para baixo da produção indiana, os riscos climáticos associados às monções sob influência do El Niño e a maior competitividade do etanol – especialmente diante do conflito no Oriente Médio – podem trazer algum alívio e correção parcial de preços à frente caso haja queda mais acentuada na oferta do adoçante.

Exportações – As exportações brasileiras de açúcar registraram queda de 11,6% em 2025, período que a receita caiu em maior intensidade (24,12%), passando de US\$ 18,6 bilhões para US\$ 14,1 bilhões.

A maior oferta global de açúcar em 2025, impulsionada pelo retorno da Índia e da Tailândia ao mercado internacional, somada à redução da produção doméstica, contribuiu para a queda no volume exportado pelo Brasil. Além disso, a acentuada retração dos preços internacionais da commodity tem pressionado negativamente o faturamento do setor exportador.

Para 2026, embora as estimativas do USDA indiquem um aumento de 5,6% nas exportações brasileiras de açúcar, os volumes projetados ainda seriam substancialmente inferiores aos registrados em 2024. No entanto, novos embarques tendem a ser afetados pelo conflito em curso no Oriente Médio, uma vez que 17% das exportações brasileiras de açúcar são destinadas a países da região do conflito, além do fato da guerra provocar pressões sobre custos logísticos (fretes e seguros) e também por trazer maior competitividade ao etanol frente ao açúcar.

Produção de Etanóis

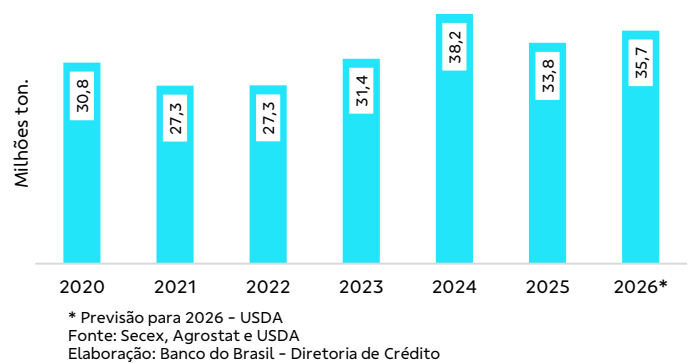
No ciclo 2025/26, em fase de encerramento, a menor oferta da principal matéria-prima nas unidades sucroenergéticas e o mix mais açucareiro levaram a redução de 9,5% na produção de etanol, correspondente a 26,6 bilhões de litros, sendo 16,08 bilhões de litros de etanol hidratado e 10,5 bilhões de litros de etanol anidro, conforme os últimos dados da Conab. Contudo, vale destacar que a expansão do etanol de milho compensou a menor oferta do biocombustível a base de cana, frente à crescente demanda.

Cotações do Etanol – Os preços dos etanóis hidratado e anidro de cana-de-açúcar, que apresentavam tendência de leve queda a partir de fevereiro de 2025, iniciaram movimento de reversão desde de julho de 2025, quando os preços começaram a se beneficiar com a maior procura em razão da elevação da mistura E27 para E30 (mistura de etanol na gasolina). Além disso, o Ministério de Minas e Energia (MME) indicou nos últimos dias que pode recomendar a aprovação do aumento para 32% da mistura do etanol anidro à gasolina, o que poderá, caso aprovado, incrementar ainda mais a demanda.

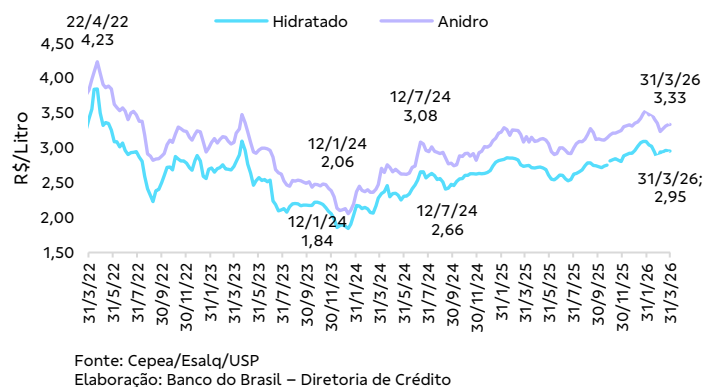
Nesse sentido, já há uma elevação no consumo estrutural de anidro, inclusive beneficiado recentemente pelo conflito no Oriente Médio – que encareceu o petróleo e trouxe pressão sobre os preços da gasolina – enquanto os estoques, inclusive do hidratado, se mantêm depreciados frente ao patamar médio dos últimos anos, dando suporte aos preços.

Por outro lado, a crescente produção de etanol de milho, em complementação ao biocombustível, inclusive a menores custos, garante a disponibilidade e evita maiores pressões sobre os preços. Segundo a União Nacional do Etanol de Milho (Unem), o milho já responde por mais de 22% da composição do etanol produzido no Brasil, reforçando seu papel estratégico na matriz de combustíveis renováveis.

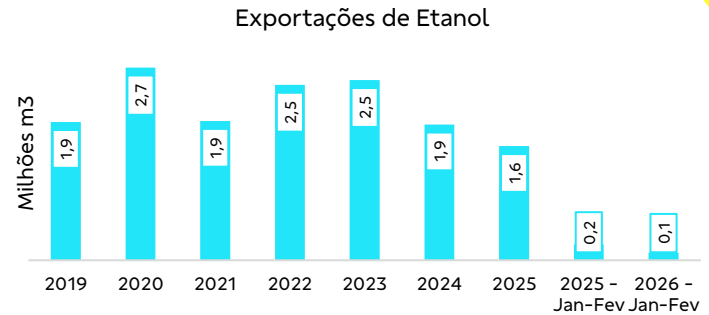
Exportações de Açúcar



Cotação Semanal do Etanol Cepea/Esalg



Exportações – Em 2025, as exportações brasileiras de etanol registraram queda de 16,0%, totalizando 1,6 bilhão de litros. A Coreia do Sul manteve-se como principal destino, absorvendo 48,4% do volume embarcado, seguida pelos Estados Unidos (15,7%) e pela Holanda (13,7%). Apesar da elevada competitividade do etanol brasileiro, fatores como o redirecionamento da produção para açúcar, o aumento da demanda interna impulsionado pela transição para uma economia de baixo carbono, a política comercial nos EUA e os ajustes no equilíbrio entre oferta e demanda nacional têm limitado os embarques externos.



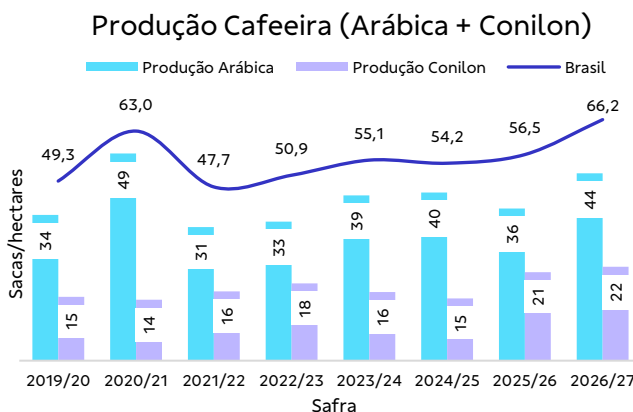
Fonte: Ministério da Agricultura e Pecuária; MDIC/SECEX
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

A recente escalada do conflito no Oriente Médio elevou a volatilidade no mercado internacional de energia e impulsionou de forma significativa os preços do petróleo, diante de interrupções logísticas no Estreito de Ormuz, por onde passa cerca de 20% do abastecimento global do insumo. Esse encarecimento do petróleo tende a fortalecer a competitividade internacional do etanol brasileiro, já que preços mais altos da gasolina ampliam a atratividade do biocombustível, estimulando demanda adicional em mercados externos e incentivando usinas a direcionarem maior parcela da cana para etanol em vez de açúcar. Apesar disso, o cenário geopolítico pressiona custos logísticos, seguros e fretes, fatores que podem limitar parcialmente os ganhos potenciais das exportações brasileiras de etanol no curto prazo.

Café

De acordo com a Conab, a safra 2025/26 de café encerra-se com produção de 56,5 milhões de sacas de café beneficiado nas especialidades arábica e conilon, o que representou aumento de 4,2% frente a 2024/25. O maior destaque ficou com a especialidade conilon, cujo crescimento foi de 42,1%, em razão da melhora gradual do clima no 2º semestre de 2024, que favoreceu a emissão das primeiras floradas após o fraco desempenho em 2024/25. No caso do arábica, a redução foi de 9,7%, haja vista que o ciclo mais longo da especialidade expôs mais a cultura aos períodos prévios de menor precipitação e altas temperaturas, além da bienalidade baixa da temporada.

Para a safra 2026/27, o 1º levantamento da safra, divulgado pela Conab em fevereiro de 2026, indica safra recorde, com produção esperada de 66,2 milhões de sacas, correspondente a aumento de 17,1%. Outras expectativas de mercado apontam para possibilidade de crescimento ainda maior, cenário que traz uma relação estoque/consumo mais equilibrada à frente.



(*) Projeção.
Fonte: Conab - 1º levantamento da safra 2026/27 - Fevereiro/2026
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Desempenho no Campo		
Café – Safra 2026/27	Arábica	Conilon
Produção (mil ton.)	23,3%	6,4%
Produtividade (kg/ha)	18,4%	2,3%
Área em produção (ha)	4,1%	4,0%

Fonte: Conab - 1º levantamento da safra 2026/27 - Fevereiro/2026
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Destaque fica por conta da especialidade arábica que, além do incremento de 4,1% na área plantada diante da maior atratividade dos preços, espera-se importantes ganhos de produtividade em razão da perspectiva de bionalidade positiva e do clima, tanto em termos pluviométricos e como térmicos, resultando em expectativa de expansão de 23,3% na produção. Vale ponderar que o café arábica representa 80% da área plantada.

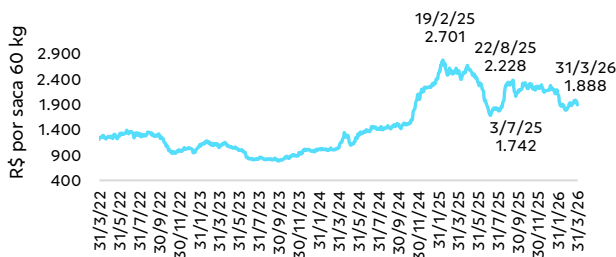
Na indústria, por sua vez, em que pese o forte hábito de consumo e a baixa elasticidade da demanda, a forte valorização no preço do grão tem adicionado desafios em termos de custos e tirado força do consumo, cujas expectativas são de crescimento moderado ou estabilidade em 2026, após cair 2,3% em 2025. A redução está associada aos preços mais elevados no varejo, que impactam diretamente o comportamento do consumidor, segundo a Associação Brasileira da Indústria de Café (Abic).

Cotações do Café – Após a forte valorização de preços observada nas especialidades arábica e conilon, as cotações iniciaram trajetória de correção que predominou no primeiro semestre de 2025, diante da expectativa de entrada no mercado global das safras oriundas de concorrentes externos que apresentaram melhores expectativas de produção. Em agosto de 2025, houve movimento de recuperação até o início de outubro, em meio à revisão baixista na expectativa de produção do arábica no Brasil (maior produtor mundial) e chuvas em excesso em regiões produtoras do país, além das incertezas decorrentes da política tarifária nos EUA com diminuição nas compras estadunidenses e acompanhamento dos níveis de estoques do café no país americano, que inclusive trouxeram certa volatilidade adicional às cotações em alguns momentos.

Em 2026, sem a sobretaxa pelos EUA, retirada em novembro de 2025, os preços do café passaram a refletir expectativas de melhor desempenho para a safra brasileira 2026/27, especialmente na modalidade robusta, recentemente, com a aproximação da colheita em grandes produtores. Vale destacar o descolamento recente de preços entre as modalidades, tendo em vista que os estoques do arábica ainda mostram-se mais apertados em relação ao robusta e o fato da colheita do arábica ainda estar mais distante. Esse contexto de maior oferta esperada deve seguir promovendo ajustes nas cotações à frente.

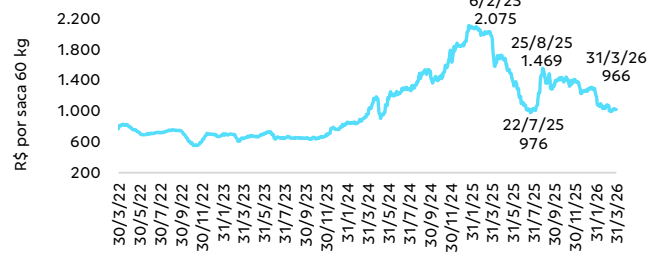
Em que pese os ajustes recentes nas cotações, os preços ainda seguem rentabilizando bem os produtores e limitando margens na indústria brasileira beneficiadora de café, quadro que deve arrefecer à frente com a maior produção e oferta esperada.

Indicador Café Arábica – Cepea/Esalq



Fonte: Cepea/Esalq/USP
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Indicador Café Robusta – Cepea/Esalq



Fonte: Cepea/Esalq/USP
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Exportações – Após o Brasil exportar 46,4 milhões de sacas de 60 kg de café verde em 2024, incremento de aproximadamente 30%, em 2025 houve recuo de 8,9% em volume, sendo que para os EUA – principal destino e que impôs política tarifária com maior alíquota sobre importações oriundas do Brasil – a queda foi de 35% no acumulado do ano e de aproximadamente 40% entre agosto e outubro, que foi o período de vigência do tarifaço ao Brasil. Além da questão tarifária com os EUA, a recuperação em importantes países produtores e a menor produção brasileira no último ciclo também contribuíram para explicar a piora no desempenho. Entretanto, vale destacar que, ainda assim, as exportações em dólar cresceram 28,9% diante da forte valorização do preço do grão.

Em novembro de 2025, o governo americano derrubou as tarifas base e adicional de 10% e 40%, respectivamente, que haviam sido estabelecidas para a importação do café brasileiro por aquele país. Além disso, ainda que o volume de café exportado seja predominantemente na forma *in natura* (grão verde), o Brasil vem ampliando a participação das vendas de café industrializado no mercado externo (destaque para os mercados do sudeste asiático e Rússia).

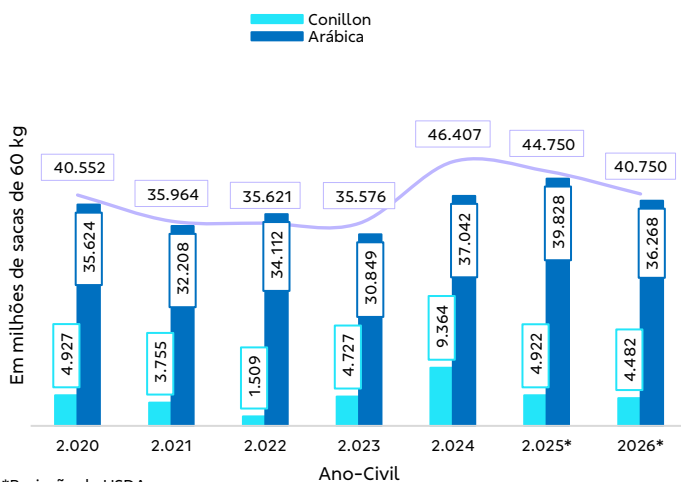
Na indústria, as exportações do café torrado e solúvel apresentaram dinâmica semelhante no ano passado, embora em menor magnitude, com queda de 6,3% em volume e crescimento de 21,6% em receita, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC).

Do montante exportado, segundo o Cecafé, o café arábica representa aproximadamente 80,4%. Já a especialidade conilon 10,2%, enquanto o restante, 9,4% das exportações, corresponderam as remessas de café torrado e café solúvel.

Prospectivamente, as projeções do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) indicam leve queda nas exportações brasileiras de café em 2026, especialmente em volume, em razão de um ambiente internacional adverso. Por outro lado, consultorias de mercado esperam avanço nas exportações brasileiras à frente diante da maior produção no ciclo 2026/27, abertura de novos mercados e retirada da sobretaxa pelos EUA.

Embora ainda não haja consenso, o agravamento do conflito no Oriente Médio tem aumentado a volatilidade nos mercados de commodities, afetando rotas logísticas, elevando custos de transporte e seguros, estimulando maior cautela por parte dos importadores, além de movimentos especulativos. Soma-se a isso a recuperação da produção em países concorrentes que limita o potencial de embarques.

Exportações de Café Arábica e Conilon

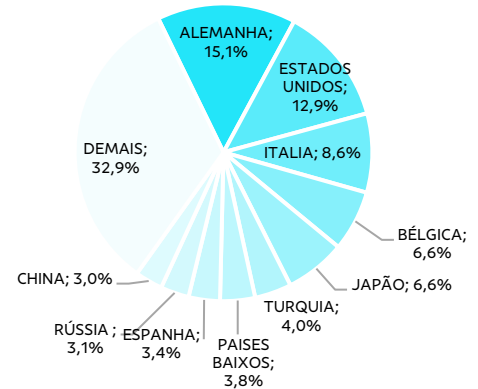


*Projeção do USDA

Fonte: Cecafé

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Exportações de Café Verde por Destino
Acumulado – 2025



Fonte: Secex e Agrostat

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Por fim, atenção crescente deve ser dedicada aos desafios regulatórios e de sustentabilidade associados ao acesso a mercados mais exigentes, em especial o da União Europeia. Destacam-se as exigências ampliadas de rastreabilidade e comprovação de cadeias produtivas livres de desmatamento, em linha com o novo regulamento europeu sobre produtos associados ao desmatamento, bem como a intensificação das demandas por redução das emissões de gases de efeito estufa e maior transparência ambiental ao longo da cadeia agroindustrial. Embora essas exigências tendam a elevar custos de conformidade no curto prazo, seus impactos sobre o agronegócio brasileiro poderão ser parcialmente mitigados no médio e longo prazos, à medida que avancem os processos de adequação produtiva e regulatória e, sobretudo, após a regulamentação e efetiva implementação do Acordo de Livre Comércio entre Mercosul e União Europeia, que deverá ampliar o acesso preferencial ao bloco, fortalecer mecanismos de cooperação técnica e criar incentivos adicionais para a internalização de padrões ambientais e sanitários mais elevados.

Destaques – Proteínas Animais

Bovinos

Segundo estimativas de mercado, o país encerrou o ano de 2025 com produção de 11,5 milhões de toneladas de carne bovina, incremento de 3,8% em relação ao volume registrado em 2024.

Para 2026, projeções iniciais apontam para retração de 4,1% associada ao início de um novo ciclo pecuário, que deve levar a uma maior retenção de fêmeas para reprodução, o que diminui o ritmo de abates e, consequentemente, a produção e oferta de carne, refletindo em alta nos preços.

Vale ressaltar que a produção de proteína bovina representa em torno de 35% do total de proteínas, quando somadas as avícolas e suínícolas.

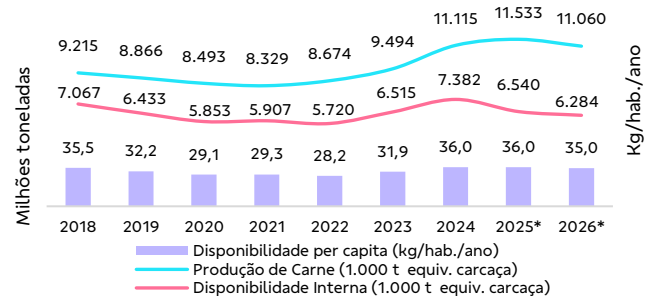
Preços e Custos - Observou-se variações nas cotações da arroba do boi gordo entre o segundo semestre de 2024 e outubro de 2025, refletindo a complexa interação entre oferta, demanda, clima, custos de produção e dinâmica internacional. Após atingir mínima de R\$ 215,00 em junho de 2024, os preços iniciaram trajetória de recuperação, alcançando patamar acima de R\$ 350,00 no final do mesmo ano, oscilando a partir de então em patamar valorizado.

A partir da 2ª quinzena de janeiro de 2026, houve retomada de aumento expressivo dos preços da carne bovina, decorrente da convergência de fatores conjunturais e estruturais, com destaque para a restrição da oferta de curto prazo, evidenciada pelo encurtamento das escalas de abate dos frigoríficos, a virada do ciclo pecuário, marcada pelo início da retenção de fêmeas após elevado descarte em anos anteriores e o forte desempenho das exportações de carne bovina, que reduziram a disponibilidade do produto no mercado interno.

Ressalta-se que atualmente as condições climáticas favoráveis têm permitido aos produtores reterem os animais no pasto por mais tempo, reforçando a escassez imediata de boi pronto para abate, enquanto expectativas altistas já precificadas no mercado futuro estimulam a postergação de vendas.

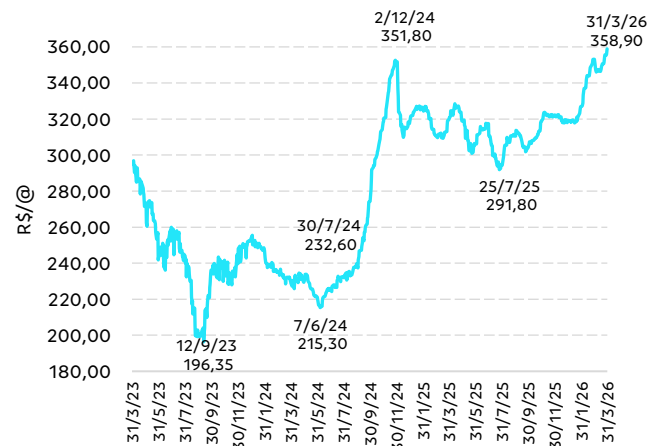
No curto prazo, o cenário segue indicando preços valorizados, sustentados pela menor oferta de animais em países concorrentes e pelo recuo dos abates no Brasil. Contudo, a implementação de cotas de importação pela China – país que é destino da metade das exportações brasileiras do setor e dado que cerca de 30% da cota já teria sido consumida somente nos dois primeiros meses de 2026 – pode arrefecer o ritmo das exportações brasileiras no segundo semestre, ampliar a disponibilidade interna e, potencialmente, exercer pressão baixista sobre os preços.

Oferta de Carne e Disponibilidade



Fonte: Conab – Anos 2018 a 2024; *Anos 2025 e 2026, projeções Safras & Mercado.
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Preço do Boi Gordo à Vista - Cepea/B3



Fonte: Cepea; @ = (arroba de 15 kg).
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Para os frigoríficos, a valorização da arroba do boi gordo elevou de forma relevante os custos de aquisição da matéria-prima, pressionando as margens. Os impactos têm sido mais intensos para as empresas de menor porte, que enfrentam maior dificuldade para alongar as escalas de abate e, consequentemente, precisam ofertar preços mais competitivos aos pecuaristas para garantir o abastecimento. Em contrapartida, o bom desempenho das exportações tem atenuado parte dessas pressões, sobretudo para as indústrias habilitadas ao mercado externo, que conseguem compensar parcialmente o encarecimento da boiada por meio de preços internacionais mais atrativos e de uma demanda consistente.

Mercado Externo – O mercado externo da carne bovina brasileira apresentou desempenho excepcional em 2025, apesar de um cenário marcado por desafios geopolíticos e tarifários. Entre janeiro e dezembro, o Brasil consolidou sua posição como maior exportador global, com embarques 20,9% superiores aos de 2024, alcançando 3,5 milhões de toneladas. As receitas avançaram 40,1%, somando US\$ 18,03 bilhões, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC).

A China manteve-se como principal destino da carne bovina brasileira em 2025, absorvendo 48,1% dos embarques e ampliando suas compras em 22,8%. A União Europeia também elevou suas importações, especialmente Itália, Países Baixos e Espanha, sustentando a demanda global mesmo diante das tarifas impostas pelos EUA. O México ganhou destaque ao tornar-se o terceiro maior comprador, com 3,8% das aquisições.

Nesse cenário, em relação a imposição pela China de cotas anuais de importação de carne bovina, com validade de 1º de janeiro de 2026 até dezembro de 2028, somente no 1º bimestre de 2026, 33,64% da cota total de importação oriunda do Brasil (1,1 milhão de toneladas) já havia sido utilizada, evidenciando um ritmo acelerado de embarques. Por outro lado, é importante considerar que a detecção recente de febre aftosa em parte do rebanho bovino chinês pode reforçar a posição do Brasil como fornecedor alternativo de carne bovina, abrindo espaço para maior flexibilidade ou melhor aproveitamento da cota sem tarifa adicional imposta pela China, favorecendo os exportadores brasileiros.

Em relação às exportações para o México, o governo local também definiu para 2026 uma cota de importação de carne bovina de 70 mil toneladas (Mt), com volumes acima desse limite sujeitos à tarifa de 20%. Segundo o Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), foram exportadas 117,7 Mt para o México em 2025. Em 2026, no 1º bimestre, foram exportadas 10,4 Mt toneladas de carne bovina total, 21,8% inferior ao exportado no mesmo período de 2025, ainda existindo, dessa forma, bastante margem.

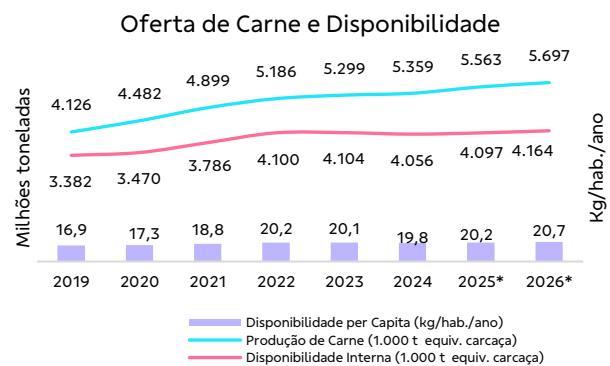
Quanto aos efeitos do acirramento do conflito no Oriente Médio, embora as exportações brasileiras para a região representem cerca de 7% do total, a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec) alerta que, caso não sejam encontradas alternativas logísticas — e dependendo da duração dos conflitos — até 30% a 40% das vendas externas podem ser afetadas, já que portos da região funcionam como pontos estratégicos de escala para navios com destino à Ásia.

Para 2026, as projeções iniciais indicavam manutenção do forte ritmo das exportações no primeiro semestre. Contudo, a queda nos abates, a salvaguarda imposta pela China — que absorve cerca de metade dos embarques —, as cotas de importação no México e a escalada do conflito no Oriente Médio devem limitar o potencial de expansão ao longo do ano.

Suíños

Impulsionados pela demanda externa aquecida, as estatísticas de 2025 indicam crescimento de 3,8% no volume de cortes suínos dos frigoríficos brasileiros. Para 2026, as projeções iniciais sugerem continuidade do crescimento (2,4%), cuja expectativa é de atingimento de novo recorde com 5,7 milhões de toneladas.

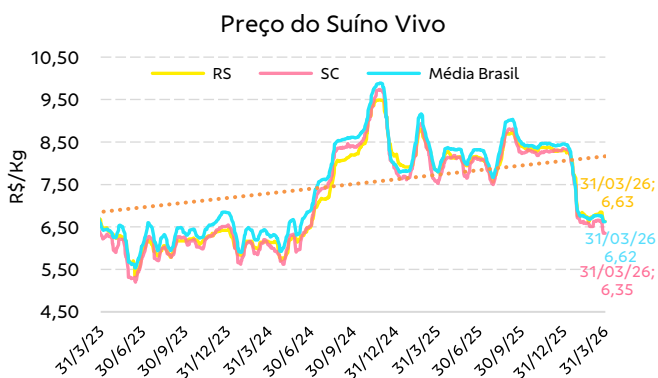
O setor suinícola ainda segue com perspectiva positiva, apoiada pela demanda externa, sobretudo da Ásia (Filipinas, Japão e China), e por um mercado interno resiliente. Apesar disso, os conflitos no Oriente Médio elevam riscos logísticos no curto prazo, enquanto, internamente, o emprego aquecido e os altos preços da carne bovina sustentam a substituição pelo consumo de carne suína.



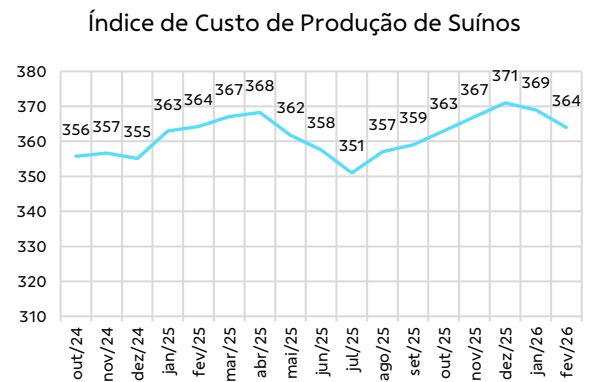
Nesse quadro, o Brasil segue como o 4º maior produtor mundial de proteína suína, com cerca de 3,9% da produção global, conforme dados de 2025, ficando atrás apenas da China (48,9%), União Europeia (18,0%) e EUA (10,9%).

Preços e Custos – Após atingirem máximas históricas no segundo semestre de 2024, os preços dos suínos permaneceram em níveis elevados até dezembro de 2025. No primeiro trimestre de 2026, entretanto, o mercado passou a registrar pressão baixista sobre o suíno vivo, reflexo da combinação entre uma demanda interna sazonalmente mais fraca no início do ano (orçamento familiar mais restrito em janeiro e período de quaresma em fevereiro e março) com compras da indústria retraindo no mercado independente, aliada à elevada oferta nos criadouros, decorrente da expansão dos abates e da manutenção de estoques elevados. No mais, as incertezas originadas do conflito no Oriente Médio, especialmente em termos de aumento de custos e do impacto logístico nas exportações, também reduziu o apetite das vendas externas, contribuindo para o desequilíbrio entre oferta e demanda.

Por outro lado, a valorização da carne bovina, associada à reversão do ciclo pecuário, beneficia a substituição do consumo em direção à carne suína, mais acessível às camadas de menor renda, o que contribui para mitigar a queda nas cotações.



Fonte: Cepea
Elaboração: Banco de Brasil - Diretoria de Crédito



Fonte: Embrapa
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Em relação aos custos de produção, o índice de custo da Embrapa mostrou queda residual de 0,04% no comparativo de fevereiro de 2026 com igual mês do ano anterior. Vale ressaltar que a ração corresponde a 71,5% dos custos de produção do segmento criador, seguido do custo do capital (7,6%), enquanto transportes 3,8% e genética e sanidade, juntas, somam 5,5%. Ainda que o custo médio de produção tenha evoluído na passagem interanual de 2024 para 2025, a cadeia produtiva apresentou boa rentabilidade no último ano, haja vista que os preços mantiveram patamar mais valorizado em igual período. Prospectivamente, espera-se manutenção do quadro com margens mais estreitas, especialmente nos produtores independentes, mais expostos ao mercado *spot* e a volatilidade dos insumos, enquanto os frigoríficos com maior atuação no mercado exterior tendem a operar com maior rentabilidade, pesado, no entanto, a continuidade e efeitos do conflito no Oriente Médio.

Mercado Externo – Entre janeiro e dezembro de 2025, o Brasil exportou 1.321,6 mil toneladas de carne suína, um aumento de 11,9% em relação ao mesmo período de 2024, segundo informações obtidas no Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC). A receita gerada pelas exportações também cresceu, 19,1%, totalizando US\$ 3.371,6 milhões. As Filipinas se consolidaram como o principal mercado, com participação de 25,0% nas exportações e volume adquirido de 340,6mil toneladas da proteína. A China segue como segundo principal destino (10,4%), com remessa brasileira equivalente a 137,6 mil toneladas, queda nas compras de 37,4% frente ao mesmo período de 2024. Essa redução é atribuída ao programa interno do mercado chinês para recompor seu plantel. No 1º bimestre de 2026, últimos dados disponíveis, Filipinas, Japão e China seguem como os líderes nas compras com percentuais de 32,2%, 10,8% e 8,4% respectivamente, totalizando 39,7 mil toneladas e US\$ 296,7 milhões.

Em meio a esse contexto de redução nas vendas para a China, o Brasil tem trabalhado na ampliação das parcerias internacionais desde 2024, negociando a abertura de novos mercados e a expansão dos mercados existentes, com destaques para as vendas ao Japão, Chile, Hong Kong, Rússia e, países do Oriente Médio, como a Arábia Saudita, Iraque e Emirados Árabes Unidos.

No mais, o ambiente internacional mais adverso, marcado pelo conflito entre Rússia e Ucrânia, pela decisão do governo mexicano de instituir cota de importação de 51 mil toneladas de carne suína a partir de 2026 e aplicação de tarifa para volumes excedentes, e, mais recentemente, pelo agravamento das tensões no Oriente Médio são fatores que exigem maior atenção dos exportadores, pois afetam tanto a demanda internacional quanto os custos de transporte e distribuição. A escalada bélica no Oriente Médio já provoca interrupções de rotas marítimas, aumento no preço de energia e elevação dos custos logísticos, ampliando a incerteza no comércio internacional de proteínas.

Por outro lado, além do câmbio ainda favorável, a competitividade brasileira no mercado internacional tem sido impulsionada pela redução da participação da União Europeia, que enfrenta desafios internos significativos. Entre esses obstáculos estão normas cada vez mais restritivas de bem-estar animal, elevados custos de produção e problemas sanitários, como a ocorrência de febre suína africana em alguns países do bloco. Nesse cenário, o Brasil se destaca não apenas pelo volume e qualidade da carne produzida, mas também pelo rigoroso controle fitossanitário, que busca prevenir a entrada de agentes capazes de comprometer o plantel nacional ou representar riscos à saúde humana. Essa combinação de fatores reforça a posição do país como um dos principais fornecedores globais de proteína animal.

Frango

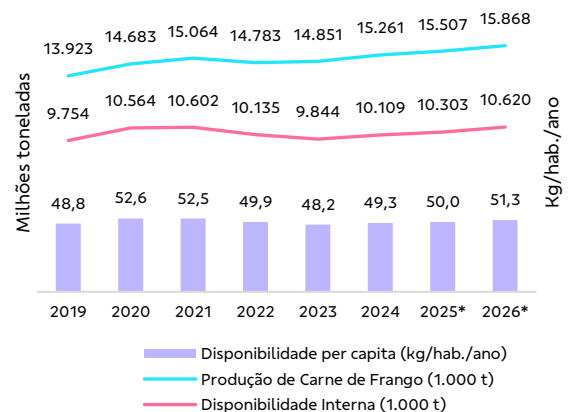
Ao longo de 2025, o setor avícola brasileiro manteve crescimento no abate de aves, sustentado pela forte demanda externa, mesmo diante de desafios sanitários como a Influenza Aviária de Alta Patogenicidade. A projeção para produção em 2026 segue positiva. No entanto, é preciso considerar que o cenário externo adiciona incerteza relevante. O conflito no Oriente Médio é considerado um fator de risco direto para as exportações brasileiras, pois, além das vendas para a região serem relevantes, limitações em rotas marítimas e maiores custos logísticos pesam negativamente. Em contrapartida, no mercado doméstico a demanda interna deve seguir firme, beneficiada pela relação custo-benefício da carne de frango frente às demais proteínas. A oferta ampla e regular, decorrente dos níveis elevados de alojamento, contribui para maior estabilidade de preços ao consumidor, reforçando a competitividade do frango como a principal proteína animal no consumo doméstico.

Custos e Preços – O índice do custo de produção de frangos no Brasil apresentou redução de 3,2% nos últimos 12 meses encerrado em fevereiro. Os custos com genética, sanidade animal e capital foram os que mais cresceram no período, com aumentos de 18,5%, 9,0% e 8,6%, respectivamente. Da composição total dos custos de produção animal, os itens listados representaram cerca 24,3% do conjunto em fevereiro. Já os custos com ração animal, que representam cerca de 63% do custo total, retraíram 9,9% em 12 meses, favorecidos pela queda na cotação do milho e do farelo de soja.

Em referência aos preços da carne de frango, após alcançar maiores patamares em abril de 2025, com preços médios próximos de R\$ 8,00/kg no atacado, o setor enfrentou uma queda mais acentuada de 7% em maio de 2025, na ocasião das suspensões das exportações por conta do caso de Influenza Aviária de Alta Patogenicidade (IAAP) registrado no Rio Grande do Sul, que provocou excedente de oferta no mercado interno. Reestabelecidas as vendas externas, os preços começaram a se recuperar, com a cotação do frango congelado e resfriado apresentando valorização superior a 10% entre o início de setembro de 2025 e o final de dezembro.

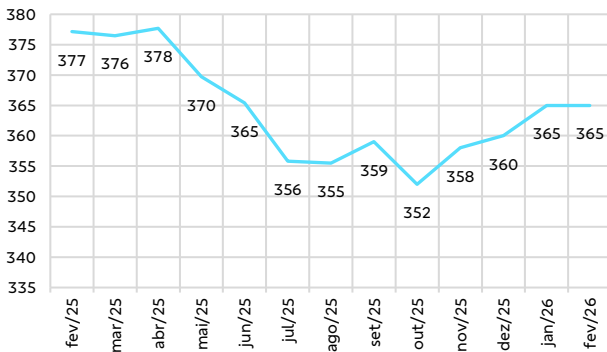
No 1º trimestre de 2026, apesar do bom desempenho das exportações, os preços da carne de frango no mercado interno brasileiro registraram trajetória de baixa, reflexo principalmente da oferta elevada, associada à produção recorde em 2025, e de uma demanda interna mais fraca, típica do início do ano. No atacado da Grande São Paulo, as cotações médias do frango inteiro, congelado e resfriado, giraram em torno de R\$ 7,0/kg em março, acumulando queda próxima de 11% no trimestre. No mais, o cenário para os preços ganha novos elementos de risco, especialmente associados a potenciais interrupções de embarques ao exterior, que podem elevar a oferta interna e fragilizar preços.

Oferta de Carne e Disponibilidade



Fonte: *Projeção Conab
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

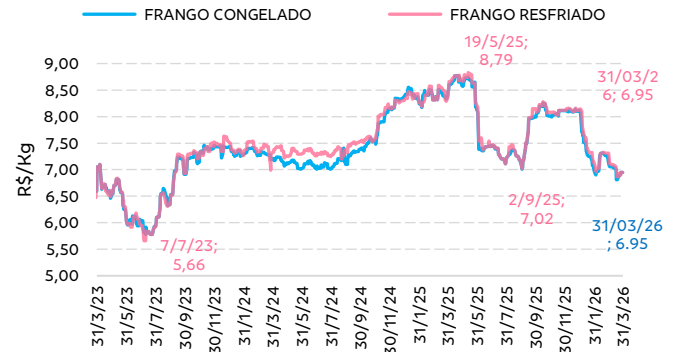
Índice de Custo de Produção de Frangos



Fonte: Embrapa

Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Preço do Frango Cepea/Esalq - SP



Fonte: Cepea

Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Mercado Externo – Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio (MDIC), foram exportadas 4,958 mil de toneladas de carne de frango em 2025, aumento marginal de 0,2% em relação ao mesmo período de 2024, com a receita acumulada do período atingindo US\$ 8,817 milhões, retração de 2,9% ante ao acumulado de 2024 (US\$ 9,080 milhões).

A queda nas exportações em 2025 foi decorrente do foco de influenza aviária registrado em maio em uma granja comercial no Rio Grande do Sul. O episódio levou à suspensão temporária das compras por mais de 100 países, incluindo mercados estratégicos como China e União Europeia, sendo que a China, grande comprador e que mais estendeu a suspensão, anunciou o fim da proibição às importação sobre o frango do Brasil em novembro. Vale destacar que, no período de embargos, o setor ainda conseguiu redirecionar embarques para mercados alternativos, mostrando resiliência e mitigando perdas.

No 1º bimestre de 2026, as exportações brasileiras de carne de frango apresentaram desempenho relevante, mantendo volumes elevados e crescimento tanto em quantidade quanto em receita, apesar de um ambiente geopolítico mais desafiador. Segundo dados do Ministério da Agricultura e Pecuária, os embarques somaram aproximadamente 929,4 milhões de toneladas entre janeiro e fevereiro, com alta ao redor de 4,7% em relação ao mesmo período de 2025, enquanto a receita avançou 7,1% em ritmo mais intenso, refletindo melhora no mix e nos preços médios. O mês de janeiro registrou recorde histórico para o período, com 447,1 mil toneladas (Mt) exportadas, seguido por fevereiro com novo recorde, de 482,4 Mt, o maior volume já registrado para esse mês, evidenciando forte demanda internacional mesmo em um período sazonalmente mais fraco. Houve crescimento significativo para Emirados Árabes Unidos (13,5%), Japão (20,9%), União Europeia (40,3%), África do Sul (31,1%) e Filipinas (26,5%), reforçando a diversificação de destinos.

No curto prazo, espera-se novos incrementos nos volumes exportados. No entanto, a continuidade do conflito no Oriente Médio adiciona riscos ampliados para essa dinâmica esperada das exportações, tendo em vista que a região é destino de aproximadamente 30% das exportações brasileiras – em quantum –, com os Emirados Árabes Unidos sendo o maior importador de carne de frango do Brasil, com 480 mil toneladas adquiridas em 2025. Adicionalmente, a guerra representa aumento relevante de custos de logística, tanto via maior cotação de petróleo quando através do alongamento e demora na entrega das cargas em função da necessidade de adaptar as rotas. No mais, atenção com o conflito é exigida em função da concentração histórica de embarques para o Oriente Médio no 1º semestre, ampliando a sensibilidade do setor ao choque geopolítico no atual momento. A eventual interrupção das compras pode elevar a disponibilidade doméstica, intensificando a pressão sobre os preços. Além disso, a especificidade da carne exportada para a região “carne halal” não atende a especificação de outros mercados, dificultando o redirecionamento para outros destinos.

Por fim, atenção contínua é exigida à biossegurança, especialmente no monitoramento e controle de possíveis ocorrências de gripe aviária — fator essencial para manter os mercados externos abertos e assegurar o pleno aproveitamento das oportunidades ao longo do ano.

Destaques – Impactos do Conflito no Oriente Médio para as cadeias do Agronegócio.

A corrente de comércio entre o Brasil e o Oriente Médio foi de US\$ 23,3 bilhões em 2025, com o Brasil exportando US\$ 16 bilhões, sendo parte expressiva da pauta de exportação (cerca de 75%) concentrada no agronegócio, em especial milho, açúcar, carne de frango e carne bovina.

O acirramento do conflito no Oriente Médio eleva os riscos para a **cadeia do milho**, sobretudo em razão da alta participação do mercado iraniano, que responde por cerca de 23% das exportações do cereal. A forte retração das compras chinesas nos últimos anos reduziu as alternativas de escoamento externo, de modo que em caso de interrupção ou postergação das vendas ao Irã, seja por limitações financeiras, sanções ou dificuldades logísticas, torna mais complexo o redirecionamento do produto para outros destinos. Esse cenário agrega riscos de enfraquecimento no desempenho das exportações em 2026, pressão sobre a oferta doméstica e limites à recuperação dos preços internos, especialmente em um contexto de grande disponibilidade decorrente da segunda safra. Adicionalmente, o conflito já produz efeitos adversos sobre os custos ao longo da cadeia, por meio do encarecimento do petróleo e seus derivados, da maior utilização de rotas marítimas alternativas e do aumento dos custos de seguros, fretes e financiamentos ao comércio exterior. Esses fatores se somam à alta nos preços de fertilizantes, combustíveis e defensivos, elevando o custo de produção e comprimindo margens. O resultado é um ambiente de maior incerteza para o setor, marcado por maior volatilidade de preços, cautela nas decisões de comercialização e possíveis ajustes no planejamento de área e investimento para os próximos ciclos.

Em relação à **cadeia do açúcar**, as exportações para o Oriente Médio têm peso relevante na pauta brasileira, correspondendo a 17% do total exportado pelo país. O acirramento do conflito torna as exportações mais vulneráveis sobretudo pelos choques logísticos e pelo encarecimento dos fretes, associados à alta do petróleo e ao uso de rotas alternativas. Internamente, esse contexto pode ainda estimular o redirecionamento do mix sucroenergético em favor do etanol, cuja competitividade aumenta com os preços mais elevados do petróleo, reduzindo a oferta exportável de açúcar. Autoridades do governo responsáveis pela política sobre combustíveis discutem a possibilidade de aumentar de 30% para 32% o percentual de etanol misturado na gasolina. Além disso, a pressão sobre custos de produção e logística (fertilizantes, combustíveis e fretes) tende a afetar de forma transversal outras cadeias agrícolas exportadoras e não exportadoras, ampliando a incerteza sobre preços e margens no setor agropecuário.

Nas cadeias do agronegócio de origem animal, observa-se o quão o Oriente Médio é importante para as exportações de **carne de frango** brasileira, representando 30% das remessas – em quantum –, destacando a forte presença em alguns países (9,3% das importações dos Emirados Árabes Unidos tem origem no Brasil, 7,7% no caso da Arábia Saudita e cerca de 2,7% no Iraque). A escalada da guerra tem impossibilitado o trânsito e aumentado a insegurança nas passagens tradicionais para o Oriente Médio, adicionado custos logísticos, especialmente pela necessidade de rotas alternativas. Segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), navios que partiram antes da escalada do conflito permanecem em portos de transbordo ou considerados seguros, enquanto aguardam maior definição sobre o cenário na região ou a viabilização de rotas alternativas para o Oriente Médio.

No caso da **carne bovina**, embora o Oriente Médio responda por cerca de 7% das exportações brasileiras, a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec) ressalta que os impactos potenciais da guerra são significativamente maiores, uma vez que entre 30% e 40% dos embarques utilizam portos da região como *hubs* de transbordo, sobretudo para cargas destinadas à Ásia. Com a intensificação do conflito, multiplicaram-se os episódios de navios aguardando em alto-mar sem autorização para atracar, evidenciando a rapidez e a magnitude do choque logístico. Os atrasos e desvios decorrentes da busca por rotas alternativas fora das zonas de risco têm elevado substancialmente os custos operacionais: cada dia adicional de espera pode gerar despesas de até US\$ 570 mil por navio apenas em *demurrage*, além de sobretaxas associadas ao risco de guerra, aumento dos prêmios de seguro e elevação expressiva dos fretes. Esses efeitos são ainda mais severos para cargas em contêineres frigoríficos, dada a maior exigência energética e operacional. Mesmo quando utilizam rotas alternativas fora do Oriente Médio, as exportações seguem sujeitas a perdas de eficiência, alongamento dos prazos de entrega e menor confiabilidade logística, fazendo com que a cadeia da carne bovina figure entre as mais pressionadas no curto prazo, com impactos diretos sobre custos, margens e planejamento comercial.

Sob outra perspectiva, as importações brasileiras de produtos com origem em países do Oriente Médio totalizaram US\$ 7,2 bilhões em 2025, com 31% sendo de **fertilizantes**, especialmente ureia, que 14% das importações brasileiras do insumo tem origem na região do conflito. O insumo (fertilizantes) é vital para o agronegócio brasileiro e extremamente dependente das importações (80% a 85% do consumo doméstico é importado).

Em um contexto em que o mercado global de fertilizantes já encontrava-se pressionado com restrição de oferta diante de uma demanda global aquecida encarecendo os preços, a limitação no Oriente Médio, região que responde por cerca de 40% do comércio marítimo global de ureia, por 28% da amônia e 29% dos fosfatados, é esperada queda no fornecimento e maiores custos de aquisição (puxados também pelo gás utilizado na produção de fertilizantes e nos fretes marítimos).

Recentemente, a Índia, que possui uma indústria doméstica de ureia consolidada, abriu licitação para a compra de 2,5 milhões de toneladas do insumo, em meio a restrições de oferta de gás natural do Oriente Médio utilizado no processo produtivo, o que tende a pressionar ainda mais os preços internacionais do fertilizante. A maior demanda indiana pode elevar custos, aumentar a disputa por volumes disponíveis e ampliar a incerteza para o planejamento das próximas safras no Brasil.

Do ponto de vista do **produtor rural**, essa pressão nos preços de fertilizantes e que também deve ser sentida em defensivos agrícolas – impactados via preço de energia utilizada no processo produtivo e por fretes marítimos – deve provocar pressão adicional no custo da produção agrícola, o que aliado à possibilidade de maior custo com transporte (diesel mais caro) deve seguir restringindo margens no campo e dificultando a recuperação da condição financeira de parte dos produtores.

Para as empresas do setor de **fertilizantes**, persistindo esse cenário, a dinâmica operacional das revendas no Brasil tende a ficar mais desafiada por um ambiente com maior possibilidade de menor capacidade de venda, estoques erráticos com produtores podendo retardar compras, riscos de descasamentos de preços e potencial maior inadimplência de clientes.

Por fim, no setor de **máquinas e implementos agrícolas**, a Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Implementos (ABIMAQ) projeta que as vendas da indústria de máquinas agrícolas recuarão cerca de 8% em 2026 em relação ao ano anterior. Os efeitos indiretos da guerra no Oriente Médio, em especial o aumento dos preços internacionais do petróleo, somam-se a um mercado ainda afetado pela Selic persistentemente restritiva, condições financeiras no campo ainda em recuperação, maior inadimplência de clientes e elevados custos dos equipamentos, que levam produtores rurais a adiar investimentos em capital fixo.

No mais, o conflito tem ampliado os custos industriais, tanto pelo encarecimento do transporte quanto pelo aumento do risco de interrupções nas cadeias globais de suprimento, o que tende a retardar o processo de recuperação do setor. Esse movimento é particularmente sensível nas revendas e no segmento de implementos agrícolas, mais expostos às oscilações de mercado.



BB ASSET MANAGEMENT

**Busque mais para
os seus investimentos**

www.bbasset.com.br

[Linkedin.com/showcase/bbasset](https://www.linkedin.com/showcase/bbasset)